

# humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO  
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

dita, de que é o necessário complemento. Esperemos, porém, que noutra edição o livro seja ampliado com mais este estudo, como aliás o A. nos promete, bem como no que diz respeito à comparação mais extensa com a sintaxe das línguas modernas.

A filologia clássica espanhola está na realidade a ocupar, no concerto dos cultores das ciências da antiguidade em todo o mundo, um lugar de bem merecido realce. Obras como esta do Prof. Tovar, a juntar à tão importante de Bassols de Climent, *Sintaxis histórica de la lengua latina* (ainda em publicação), honram quem as escreve e a ciência de um país. Perante trabalhos desta natureza e deste valor, formularemos o voto, a desvanecer uma apreensão do A., que a desorientação contemporânea origina, de que os estudos gregos e latinos não morrerão: a Europa não praticará tal acto de traição ao seu próprio espírito, e, passada a febre de materialismos, que já forneceu tão tristes provas à humanidade, há-de continuar a reconhecer a necessidade, cada vez maior, de juntar ao utilitarismo o equilíbrio da cultura — ciência e arte — que através dos tempos a tem inspirado e informado.

FELISBERTO MARTINS

Vittorio De Falco — Aluizio de Faria Coimbra—*Os Elegíacos Gregos — De Calino a Crates* — Com texto crítico, tradução em versos portugueses e notas. 1: Galino-Arquíloco-Tirteu-Ásio-Semónides-Mimnermo». — São Paulo, 1941. 291pp.

Como ainda estamos pouco habituados a encontrar edições de autores clássicos em língua portuguesa, principalmente quando se trata de escritores gregos (1), é motivo de satisfação para todos quantos se dedicam aos estudos da filologia clássica ou simplesmente apreciam com grande prazer estético as obras-primas do génio helénico e da arte do Lácio, o aparecimento de trabalhos como este, que em 1941 saiu dos prelos da Sociedade Imprensa Brasileira, de Brusco & C.<sup>a</sup>, em São Paulo.

S é - 1 0 - i a pela raridade, devido ao desamor que injustamente envolveu esta província da cultura, contra o qual — e ainda bem! — se vai produzindo salutar reacção entre nós e nas terras de Santa Cruz, onde também nasce, se enraíza e frutifica o gosto da cultura clássica. Mas é-0 ainda pelo valor intrínseco, — obra de erudição, segura, rigorosa, modelada em vernácula linguagem.

(1) Possuímos, todavia, obras como a edição da *Sátira contra as Mulheres*, de Simónides de Amorgo, da autoria do Prof. Rebelo Gonçalves, Lisboa, Imprensa Nacional, 1930. Mas este exemplo ainda não foi devidamente imitado.

Toda a literatura da Grécia, pela frescura, originalidade e elegancia, é susceptível de provocar fundo interesse. Se é lícito, porém, estabelecer preferências adentro dela, o campo do lirismo é decerto um dos mais atraentes, e a elegia, nas suas multimodas características — cívica ou patriótica, gnómica ou filosófica, amorosa ou sentimental —, destaca-se, fecunda em sugestões culturais ou filológicas.

Foi esta matéria tão rica — a elegia — o assunto escolhido por Vittorio De Falco, catedrático da Universidade de Nápoles e professor, desde Fevereiro de 1939, de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia da Universidade paulista, para a boa edição crítica que nos apresenta, traduzida, em versos que imitam, no possível, a métrica clássica, pelo seu antigo aluno Dr. Aluizio de Faria Coimbra, professor de Língua Latina no Colégio Universitário de São Paulo, e à qual o A. acrescentou profundas anotações e comentários.

Obra de colaboração, é o próprio De Falco que nos elucida acerca do que a cada um dos colaboradores cabe : a ele o estabelecimento do texto, a parte crítica, as notas; ao seu colaborador «a tradução em versos brancos de todas as elegias, fragmentos e citações poéticas do texto e das notas, na qual conseguiu sempre, sem excepção alguma, guardar o mesmo número de versos do original e a máxima fidelidade possível, assim no espírito como na letra». O trabalho foi baseado na *Anthologia Lyrica Graeca*, de E. Diehl, vol. i, *Poetae elegiaci*, 2.<sup>a</sup> ed., Bibliotheca Teubneriana, 1936, cuja ordem e numeração dos fragmentos foi respeitada, com a adição apenas, para maior elucidação do estudioso, da numeração, colocada entre parênteses, da colectânea de Th. Bergk, *Poetae Lyrici Graeci, pars U — Poetae elegiaci et iambographi*, 4.<sup>\*</sup> ed., Leipzig, Teubner, 1915.

O A. diverge destes dois notáveis sábios no que respeita a Arquiloco, cuja matéria elegiaca dispõe em capítulo especial, o que não poderia deixar de ser, tratando-se de uma obra dedicada aos elegiacos gregos. Os outros compiladores encaram-no principalmente como iambógrafo, visto que foi esta a actividade literária em que mais se evidenciou. Igualmente diverge de Diehl e de Bergk ao estudar Safo, Erina, Anacreonte e os dois Simónides, — mais notáveis na poesia mélica ou iâmbica.

Creriosamente, a cada capítulo juntou o A. uma bibliografia em referência ao poeta analisado, «não uma relação exhaustiva... que levaria o leitor a perder-se num *mare magnum* de indicações..., mas uma lista de fontes, onde se colheram as contribuições alheias aproveitadas», e que considera «o que de melhor se publicou a respeito», — isto sem falar na bibliografia geral, que antecede o trabalho.

Na Introdução lemos uma rápida história da elegia grega, em que se apontam as origens prováveis, se enunciam as hipóteses apresentadas quanto à história do dístico elegíaco, e, depois da decomposição deste nos dois versos que o constituem, somos informados do que se tem dito a propósito do aparecimento do hexâmetro e do pentâmetro. Refere-nos De Falco com pormenorização as hipóteses — uma das quais, a de Usener, se me afigura sobremaneira aliciante—, e conclui, objectivamente, que «a

verdadeira origem da palavra *ελεγος* permanece, porém, *obscura*»<sup>5</sup> podendo atribuir-se-lhe somente, com segurança, origem não helénica e um uso primitivo de servir para designar só o pentametro (p. 30).

À Introdução acrescentam copiosas notas e indicações bibliográficas.

Começa propriamente a obra na p. 39: breve estudo histórico e literário de Calino de Éfeso e os fragmentos elegíacos, com a tradução poética ao lado. Na outra página, de modo a permitir uma rápida e imediata consulta ao texto e à versão, — depois as notas e a bibliografia. É este o processo seguido para Arquíloco, Tirteu, Ásio, Simónides e Mimnermo. Os estudos mais extensos são os referentes a Arquíloco — por quem o A. parece nutrir especial predilecção —, a Tirteu e a Mimnermo.

O impiedoso iambógrafo, eterno descontente e desprezador contumaz da sociedade, destaca-se sobretudo pela «intensa e marcada realidade humana». O A. biografa-o com cuidado, explicando o desequilíbrio psicológico do poeta pelo conflito existente no seu espírito entre o orgulho de casta do pai nobre e o sentimento da baixa condição da mãe escrava. Da derrocada das ambições, dos sonhos de amor e de glória, fica uma amargura que se traduz, em violenta reacção, na negação dos valores morais, na arrogância desprezadora. E vem as invectivas a Licambes e à família deste, a um falso amigo, e o célebre episódio do arremesso do escudo, que na história literária greco-latina surge, com larga representação, em Alceu, em Anacreonte, em Horácio...

Como há-de explicar-se este último episódio? A não se tratar de simples bravata, de arrogância bem arquiloqueia, parece-me justa a interpretação do A., que vê nele manifestação clara de que Arquíloco «não se sentia preso às apreciações do vulgo e ostentava, com insolente coragem, o seu desprezo pelos preconceitos dominantes» (p. 70), em vez das opiniões de Jaeger, para quem o poeta pretende despir, por inajustável à realidade, o manto, pesado em demasia, da expressão épica, ou de Hauvette, que acha nesta atitude do poeta apenas um adiamento, a escolha de melhor oportunidade para prosseguir na luta. Se o artista de Paro marca uma posição de franco egoísmo, tantas vezes de insolente maldade, afirma, todavia, em relação aos contemporâneos, frisante e altiva superioridade intelectual.

Homem que se compraz na materialidade grosseira, nos quadros de gosto inferior ou sentido equívoco, homem de ódios e desprezos, a empanarem, sob o aspecto moral, um nome que muitas vezes os antigos colocaram próximo de Homero, alguns momentos de ternura surgiram também, como fresco oásis, na safara amargura de bastantes composições. Lembra-se a descrição da figura de Neobula, a brincar cândidamente com um ramo de mirto e com uma rosa, deixando a cabeleira solta espalhar-se-lhe graciosamente pelos ombros.

Todavia, julgo duvidoso em tal personagem o entusiasmo, o alvoroço pudico de adolescente tímido, que anseia por tocar, religiosamente, na mão da amada. Em vez do acusativo de relação, acho preferível, pelo conhecimento que as restantes composições dele nos fornecem, *ier aqlii*,

com Hiller-Crusius, uma forma de dativo, embora os poetas mais grosseiros, possam apresentar, também, como refrigério para o leitor, quadros de encantadora simplicidade: — é ver no mesmo a descrição da figura de Neobula atrás citada, e confrontá-la com certa comovedora poesia de Marcial (v, 34), dedicada à memória de uma pequenina escrava.

Vem depois a elegia bélicamente dórica de Tirteu, historiada com o mesmo vigor e necessário desenvolvimento. Dá-nos vivo retrato do poeta, pondo-o em destaque, apesar das infiltrações lendárias, que a envolviam num véu de mistério e de contradição. Quanto ao *papyrus Berolinensis 116/5*, dá-nos as restituições do texto apresentadas por Gercke, Sitzler e pelo próprio A. Aqui, como aliás em quase toda a obra, quando menciona as suas investigações pessoais, refere-se a si próprio de modo impessoal, sem dúvida para maior objectividade: «Restituição de De Falco», «para De Falco...», etc. (passim),— sistema que tem antecedentes históricos em Tucídides, Xenofonte e César.

Estudados os dois dísticos de Ásio — interessante quadro de costumes, a descrever-nos um parasito, que, sem convite e sem a devida veste nupcial, vem assistir a bodas por certos comentadores consideradas como sendo as do nebuloso pai de Homero—, depara-se-nos Simónides de Amorgo, que o A. chama *Semónides*, baseado em afirmação célebre de Querobosco. Esta informação, porém, assenta sobre as etimologias fantasistas dos antigos, como o próprio A. confessa, empregando a distinção gráfica apenas por comodidade, devido à «maior facilidade que permite na menção dos dois poetas» (p. 206). É certo que a confusão, existente desde a antiguidade, entre este poeta e o de Ceo, devido a os nomes serem grafados ambos com t (Σιμωνίδης), teve como resultado a atribuição a este último de várias composições do Amorginó; mas, como também na antiguidade aparecia a grafia com η (Σμωνβγης) para o lírico de Ceo e o nome do iambógrafo escrito com l (1), prefiro adoptar o critério da escrita com i, aliás a de mais uso entre os antigos (2), e portanto *Simónides* para os dois.

Deste poeta publica-se uma elegia de carácter gnómico, inspirada no conhecido episódio de Glauco, do canto, vi da *Iliada*: — a comparação da brevidade da vida com a das folhas, que rapidamente murcham e desaparecem, concluindo Simónides por dar conselhos sensatos. Na notícia histórico-literária e nas notas vêm a tradução e o texto de um fragmento iambico do mesmo Simónides, em que surge idêntica ideia da instabilidade das coisas terrenas e idêntico preceptorado moral.

E entramos em Mimnermo, o precursor da nova feição, plangente, melancólica e amorosa, que dominou na escola de Alexandria, inspirou os elegíacos latinos e informou a elegia dos tempos modernos. Estão bem estudadas as composições e bem traçada a figura deste curioso poeta, autor de versos guerreiros, cultor da poesia histórica, mas apaixonado

(1) Cf. Rebelo Gonçalves, *op. cit.*, p. 20.

(2) Veja-se a p. 205 do trabalho em análise.

nado sobretudo pela matéria amorosa, — verdadeiro tipo da mentalidade pagã, sequioso dos prazeres proporcionados pela loura Afrodite, obcecado, porém, de modo permanente, pelo quadro angustiante da fugacidade desses gozos.

É este o conteúdo do primeiro volume da obra sobre os elegíacos da Grécia que nos dão Vittorio De Falco e Aluísio de Faria Coimbra.

Antes de concluir esta recensão, quero ainda referir-me a alguns por menores vocabulares. Os nomes gregos, como os latinos, estão, no geral, bem reproduzidos em português. Algumas formas, como por exemplo *Solão*, podem todavia chocar-nos, pelo seu aspecto desagradável e fora dos hábitos da língua portuguesa contemporânea no que concerne a tais nomes. Palavras há que se me afiguram menos justificáveis: *Clitemestra*, *Erinas*... Porque não *Clitemnestra* e *Erínies*, como as formas gregas Κλυταιμνήστρα ( i ) e Ἐρινύες pressupõem? Em vez de *catalexis*, considerada como plural, acho preferível o emprego do plural helénico *cataléxeis* (καταλήξεις) ou o aportuguesamento *catalexes*. Leio *Amorgos*, *Ceos*, *Teos*, *Quios*, *Paros*, etc. : *Amorgo*, *Ceo*, etc., são mais conformes à evolução normal para o português das palavras greco-latinas de tema em o. Encontro também um verbo *exceler*, entroncado correctamente no latim *excellere*, porém de uso raríssimo no português.

Semelhantes discrepâncias, lexicais ou de outra natureza, não impedem que aguardemos com interesse a continuação desta excelente obra. E sirva-nos um livro como este de estímulo para prosseguirmos, sem esmorecimentos, na campanha em prol de uma escola portuguesa de filologia clássica, cujo auspicioso alvorecer não tardará decerto.

FELISBERTO MARTINS

M. L. Clarke—*Greek Studies in England* ( 1700-1830). Cambridge. At the University Press, 1945, 255 pp.

Como o título da obra indica, estamos perante uma resenha histórica da actividade e da cultura helénica inglesas, no período que vai do princípio do século XVIII ao segundo quartel do século XIX, e que abrange, na opinião de Housman, a idade de ouro da instrução pública em Inglaterra.

Com ela se procura mostrar, em quinze capítulos cuidadosamente ordenados e documentados com abundância convincente, qual o grau de perfeição que os estudos helénicos atingiram nesse período, qual a sua

(1) Embora exista uma antiga forma Κλυταιμνήστρα (relacionada com τῆλαοτΜει), cumpre-nos preferir Κλυταιμνήστρα, que é a forma clássica (relacionada com κλύου,αι). Por outro lado, *Clitemnestra* tem maior difusão em português.